

08 Agosto

21:30 — *Anfiteatro ao Ar Livre***THÉO CECCALDI  
FREAKS****JAZZ  
EM  
AGOSTO  
2019****Théo Ceccaldi** VIOLINO/TECLADOS/VOZ**Mathieu Metzger** SAXOFONES ALTO E BARÍTONO**Quentin Biardeau** SAXOFONE TENOR/TECLADOS/VOZ**Giani Caserotto** GUITARRA ELÉTRICA/TECLADOS**Stéphane Decolly** BAIXO ELÉTRICO**Etienne Ziemniak** BATERIA

© DR



Com o projecto Freaks, o violinista e compositor francês Théo Ceccaldi consegue o inimaginável: que o jazz se torne numa música de expressão juvenil, reivindicando do rock o mesmo estatuto. Enérgica, colorida, excessiva e de contornos queer, em contraste absoluto com o carácter sério, maduro e enformado pelos códigos normativos da hetero-masculinidade que este género musical tem consagrado, a música de Ceccaldi recupera o espírito “on the road” do filme “Easy Rider” e trá-lo para os nossos dias. Os temas mudam subitamente de direcção, segundo os modelos de Frank Zappa e John Zorn, como estes fazendo *zapping* de tendências e estilos, com elementos da pop, do psicadelismo, do punk ou do stoner a surgirem numa escrita que, em simultâneo, lembra tanto Charles Mingus quanto Stravinsky. Na demasia de tudo isto, já não se trata de uma filiação na estética pós-moderna. Freaks troca a ironia do pós-modernismo pelo cinismo meta-moderno mais descarado, para utilizar a terminologia que os filósofos Timotheus Vermeulen e Robin van den Akker deram a esta nova “condição”.

Esse cinismo é provocador, mas divertido, e se levanta questões de fundo, fá-lo com uma sensualidade que no jazz tem sido tabu. Nenhum edifício musical é deixado intacto: a dado momento, o orquestralismo de uma Carla Bley pode conviver com referências às distorções guitarrísticas feitas harmonia dos metaleiros Meshuggah e com a espiritualidade de Arvo Pärt. A utopia de Ceccaldi é sincrética e desrespeitosa, subversiva em relação a tudo e a si mesma e brincalhona. De uma reacção ao conformismo e à tendência para a homogeneização da cultura contemporânea se trata, concebida por um músico que entendeu que entre a loucura genial de Paganini e a dos artistas e poetas Dada nenhuma diferença efectiva existe. Eis finalmente um jazz com purpurina e *eyeliner* para dançar a revolução de que falava Emma Goldman.

RUI EDUARDO PAES

O autor escreve segundo a antiga grafia.